

MELANCOLIA: LITERATURA

COSTA LIMA, Luiz.
São Paulo: EdUnesp, 2017.

Eduardo da Silva de Freitas
(UERJ)

Publicado pela editora da Unesp em 2017, *Melancolia: literatura* é o 27º livro de Luiz Costa Lima. O livro não destoia do vasto conjunto da obra de Costa Lima senão pelo título mais sentimental, contraposto à forma mais “cerebral” dos títulos de obras anteriores.

Mas, o autor não sucumbiu ao sentimentalismo, embora reconheça haver no título algo de chamariz. O recurso é proveitoso. Pode chamar a atenção de um leitor acostumado a outro tipo crítica literária – mais impressionista talvez – e que instigado pelo título tem a oportunidade de ver uma abordagem filosófica da literatura. Além disso, os conhecedores do perfil crítico de Costa Lima podem ver como ele confere outra inflexão ao viés sentimentalista dominante quando se pensa em melancolia e acompanhar os desdobramentos teóricos de ideias formuladas em outros livros.

O livro se divide em duas seções. Na primeira, empreende-se um esboço histórico do conceito de melancolia e se formula uma teoria sobre a relação da melancolia com a arte literária e a pintura. Depois, analisam-se alguns relatos de animais em Kafka e as obras mais importantes de Samuel Beckett, figuras de personalidade e obras ligadas à melancolia.

O eixo sobre o qual se constrói o livro é declarado no capítulo de abertura. Costa Lima afirma a existência de uma relação privilegiada da melancolia com as formas literária e pictórica de ficção. O estado melancólico poderia favorecer à produção artística nos casos em que provocasse um incremento na sensibilidade do artista, sem conduzir a uma introspecção aguda ou à loucura.

A tese, aqui bem simplificada, é sustentada por um raciocínio estruturado e elaborada com a escrita densa do autor. Ele parte do levanta-

mento das camadas de significado historicamente sobrepostas à ideia de melancolia, desde a sua ocorrência pré-conceitual na *Iliada* até a conceituação proposta no século XX pelo campo da psicanálise com Freud e Ludwig Binswanger.

Interessa chamar atenção para os elementos capitais da argumentação que constrói. Entre os sentidos emprestados historicamente à melancolia por médicos, religiosos, filósofos, e artistas, identificam-se duas vertentes de significação que, às vezes, se unem. Uma entende aquele estado como doença –do corpo e/ou da mente – enquanto a outra o relaciona à criação artística e à atividade intelectual.

Costa Lima investe sobre o veio que destaca a abertura positiva, que associa melancolia com a arte e a atividade intelectual, relação já notada pelos discípulos de Aristóteles. E ao aproveitar a tradição que se ocupou do aspecto problemático desse estado espírito, o autor encaminha o argumento naquela direção.

Na cadeia de raciocínio de Costa Lima, unem-se psicologia, antropologia filosófica e teoria do ficcional, a fim de projetar a ligação entre melancolia e arte para um âmbito de discussão fora do senso comum. A caracterização freudiana da melancolia como sensação de perda que acomete o sujeito a aproximaria da condição carente, que Herder entendia ser característico do homem. Por outro lado, na medida em que possibilita um acréscimo da sensibilidade, a melancolia *poderia* favorecer a criação artística. No entanto, o autor é enfático ao destacar que, em sua obra, “*não se estabelece nenhuma relação direta entre estado melancólico e produção da obra de arte*” (p. 60, grifos do autor)

Construída com rígido encadeamento lógico, a tese do vínculo entre condição carente do homem, melancolia e ficção, não é verificável. Um leitor cuja convicção dependa de um lastro mais “palpável” talvez forme uma opinião negativa do que se lhe está propondo. Pode haver dificuldade em entender a ideia de criatura carente que o autor não desenvolve por tê-lo feito em *Os Eixos da Linguagem*.

O último termo da tríade abre caminho para se traçar o perfil da épica, da lírica, da comédia e da tragédia, como gêneros literários, que se diferenciariam por apresentarem distintas visões do tempo e das criaturas, chamados de “*frames*” ou “*molduras*” (p. 68) pelo autor. A épica e a tragédia seriam gêneros fundamentalmente distintos e os demais derivariam da última. A tragédia seria o gênero central, por projetar sua configuração artística de modo decisivo sobre os outros.

Costa Lima não faz uma descrição estrutural dos gêneros, ao menos não no sentido do estruturalismo crítico francês. Sua preocupação não são as marcas textuais. E embora talvez se divise uma eventual proximidade com o pensamento de Levi-Strauss, o antropólogo não é mencionado em *Melancolia: literatura*.

Caracterizados os gêneros, trata-se dos grandes dramaturgos gregos da Antiguidade, ressaltando a progressiva importância que se dá ao espaço humano, até atingir um ponto em que se critica a própria poeticidade nas peças de Eurípedes e Aristófanes.

Como a análise do teatro grego não menciona a melancolia nas peças teatrais, ao terminar esta primeira seção, fica-se com a impressão de que a ligação sutil entre a melancolia e arte proposta pelo autor se esvaiu ao longo das páginas. Contra essa percepção, o autor insiste em dizer que não trata da melancolia como um tema declarado das obras, mas que como um estado provocado pela condição carente do homem que se concretiza na arte.

Nos dois capítulos da segunda seção, se fazem as análises de parte da obra de Kafka e de Samuel Beckett, ícones da literatura moderna. Costa Lima objetiva escavar um veio da melancolia na ficção ocidental distinto daquele que deu origem ao sentimentalismo triste, romântico por excelência, e que anula a dimensão reflexiva da melancolia. Sua pretensão é “tomar Kafka e, a seguir, Samuel Beckett como representantes de uma ficção que, sempre mantendo a melancolia como lastro particularizante, agora assume uma vertente crítica, irônica e satírica, sempre de cunho negativo, em seu diálogo com o mundo contemporâneo” (p.131).

O eixo da interpretação repousa sobre a observação de que há um “absoluto quiasmo de suas [de Kafka e Beckett] vidas e suas obras” (p. 335), indicando por vias diversas que “o que costumamos entender como liberdade e ação livre são, de fato, termos contingentes, se não ilusórios” (p. 235). O recluso Kafka representa em seus escritos o espaço público com os problemas gerados pela lógica do capitalismo e pela ideologia do progresso. Inversamente, o sociável e ativo Beckett cria uma obra em que o mundo social pouco se revela.

A importância da observação inicial está mais em seu desenvolvimento do que na conclusão final, em que reconhece que as obras de Kafka e Beckett repercutem maneiras de encarar a vida na Modernidade. Kafka é nome recorrente nos estudos de Costa Lima, a quem o crítico dedicou todo o segundo volume de *Limites da Voz*. O leitor de *Melancolia: literatu-*

ra que conheça o livro de 1993, verá que muito do procedimento analítico se repete: o recurso às cartas e à vida pessoal de Kafka, a evocação de Deleuze-Guattari, a importância das observações de Walter Benjamin e a arbitrariedade da lei em Kafka.

A diferença consiste em que a incorporação da leitura de Deleuze-Guattari sobre Kafka, por exemplo, não se faz de modo predominantemente positivo. Costa Lima concorda com ambos a respeito da inconveniência de se tomar uma obra complexa como *A Metamorfose* apenas como produto da situação familiar do autor. Mas discorda de que os escritos de Kafka careçam de significância como propõem Deleuze-Guattari. Assim, avançando sobre a biografia de Kafka e relacionando-a às narrativas que estuda, destaca que, embora se inter cruzem, os textos não reproduzem a vida do escritor tcheco. Contra a falta de sentido defendida por Deleuze-Guattari, aponta que os relatos são prenhes de significado se pensados como tematizações que problematizam o otimismo evolucionista do início do século XX. Obviamente, Costa Lima ecoa suas posições relativas à *mimesis*, em suas conexões da arte com a realidade.

A questão da *mimesis* se faz mais sensível no estudo sobre Beckett. O irlandês, presente nos escritos de Costa Lima a partir de *Mimesis: desafio ao pensamento*, merece em *Melancolia: literatura* um estudo mais detido. O crítico aprecia a tematização do “tédio” em Beckett e avalia a eficácia dos procedimentos artísticos adotados pelo irlandês.

Da argumentação, merecem destaque os momentos em que convida as interpretações de Georges Bataille e Wolfgang Iser. Costa Lima não compactua com a visão dicotômica do escritor francês quanto à linguagem literária. Ao escrever sobre *Molloy*, Bataille defendia que ou a linguagem se faz violenta, entrópica e criativa ou é estéril, redundante; e a literatura de ponta atualizaria a primeira tendência, como o *Molloy*, de Beckett. Para Costa Lima, a concentração excessiva na entropia, pode criar uma forma de arte alheia à sociedade ou restrita aos especialistas.

A introdução de Iser tem efeito complementar ao argumento. Iser entendia que a recusa da representação no *Malone morre*, aproxima o texto da falta de sentido, negando ao leitor a fruição, e que na obra se dava uma “rasura” da *mimesis*, encaminhando-se a narração para o aniquilamento, já que afastada da realidade pela prática permanente da ficcionalização. Costa Lima não acredita em “rasura” da *mimesis*: o hiato que Beckett cria entre palavra e realidade seria fruto dos elementos miméticos a que recorria e que se sintetizam na ideia de “tédio”.

Embora Costa Lima veja em Beckett um expoente da literatura moderna, o fato é que tem reservas quanto ao modo de criação do escritor irlandês. O “tédio”, princípio de criação artística em Beckett, traduzido na desestruturação do período, da narrativa e das personagens, é um fator artístico negativo por afastar o leitor do texto. O “tédio”, “apresentando-se como uma das consequências de ser inovador, mostra que a *inovação a todo custo não é benfazeja; que, mesmo a obra que contraria interesses e circuitos estabelecidos, precisa conhecer limites*” (p. 344).

Nesse debate, está em jogo sua defesa da *mimesis* como combinação de elementos de semelhança e diferença, de forma que, se esta é a base da criação artística, aquela não pode ser descartada, pois, sem um componente verossímil, a arte não se concretiza. Assim, Costa Lima reforça a posição crítica assumida ao longo de sua trajetória: se a literatura não deve duplicar, nem idealizar o mundo, tampouco deve pretender eliminá-lo da representação, porque, não o podendo fazer em absoluto, só conseguiria criar uma arte sem conexão com o leitor e a sociedade.

Recebido em: 30/03/2018

Aceito em: 15/01/2019